

**BRITO DE AZEVEDO**

**Os Açores e o clima**

por: Hélio Vieira

**As regiões atlânticas podem desempenhar um papel importante nos estudos da climatologia a nível global. Eduardo Brito de Azevedo, coordenador do programa CLIMAAT, assegura que os arquipélagos atlânticos precisam de informação científica mais detalhada sobre clima e meteorologia. O investigador da Universidade dos Açores defende também a dinamização dos observatórios meteorológicos regionais, que, nos últimos anos, ficaram quase ao abandono com a centralização de serviços em Lisboa.**



**Diário Insular (DI) – Em que estado se encontra a investigação sobre o clima e a meteorologia das regiões insulares atlânticas, especialmente nos Açores?**

**Eduardo Brito de Azevedo (EBA)** – Os Açores foram pioneiros em Portugal nos estudos climatológicos. Desde o início do século XIX que várias personalidades açorianas se dedicaram a estudos sobre clima, como Afonso Chaves e o tenente-coronel José Agostinho.

Nas últimas décadas houve um certo apagamento no que se refere a essa matéria, porque os estudos sobre o clima dos Açores passaram a ser efectuados à distância no território continental.

Não tem sido acautelado o detalhe que esse tipo de estudos deve ter para corresponder às necessidades de quem precisa desse tipo de informação.

Tendo em conta essa situação, decidimos avançar com o projecto CLIMAAT – Clima e Meteorologia dos Arquipélagos Atlânticos, que é apoiado pela iniciativa comunitária INTERREG III-B. Pretendemos com esse programa recuperar a tradição dos estudos climatológicos mas agora adequados a uma escala dos territórios insulares do Atlântico.

Com esses estudos, que estamos a desenvolver em parceria com as Canárias, será possível recolher dados que podem dar respostas a determinadas questões, como é o caso das diferenças entre a precipitação no litoral e no interior das ilhas.

Esse é um aspecto que para nós pode ter muita importância, mas para a informação genérica sobre o estado do tempo já não será assim.

Por outro lado, a previsão meteorológica para os Açores é feita de uma forma que se poderá considerar grosseira, se tivermos em conta as nossas necessidades de informação nessa área.

A previsão do tempo para os Açores indica sem muito detalhe se amanhã vai chover ou não numa determinada área dos Açores, o que pode não ser suficiente e até pode ter implicações na economia, sobretudo no turismo.

Outra componente do projecto CLIMAAT tem a ver com a parte marítima, mais precisamente com a ondulação costeira.

É preciso adaptar os estudos sobre as ondulações marítimas à nossa realidade de modo a se poder avaliar o seu impacto em infra-estruturas como os portos. Trata-se de um informação fundamental para a construção dos portos, visto que a experiência demonstra que esse é um aspecto que é importante porque quase todos os portos construídos nos últimos anos foram afectados pelas intempéries.

Isso não quer dizer que os arquitectos ou engenheiros que fizeram esses portos não sejam competentes, mas poderão ter trabalhado com base em dados que não estão actualizados ou de acordo com nossa realidade.

#### **CENTRALIDADE ATLÂNTICA**

**DI – De que modo participam os Açores nos grandes estudos sobre o clima à escala global?**

**EBA** – Essa é outra das componentes do projecto CLIMAAT. Podemos oferecer a nossa posição geo-estratégica para fornecer dados a projectos que requerem informações da bacia do Atlântico.

Uns dos aspectos mais importantes nessa área são as oscilações climáticas no Norte do Atlântico, em que a pressão está a ser medida a Norte, na Islândia, e a Sul, no Norte de África, quando essa tarefa pode ser efectuada com vantagem nos Açores.

Nesse âmbito, estamos a colaborar em programas internacionais, demonstrando assim que temos aqui um pólo de valorização científica capaz de satisfazer todas as necessidades. Também participamos frequentemente em estudos de oceanografia e da climatologia atlântica em que servimos de base para a realização de diversos tipos de medições que se destinam a projectos internacionais com os mais variados fins.

**DI – O clima tem influência em muitas actividades e na vida das pessoas. Têm sido feitos alguns estudos sobre o impacto que esse aspecto tem nas populações das várias ilhas dos Açores?**

**EBA** – Esse é um aspecto muito interessante e que nós abordamos no workshop realizado em Angra do Heroísmo.

Não há ainda uma linha de trabalho sobre isso mas estamos de acordo que essa é uma área que é preciso perceber melhor.

O que é um facto é que o clima condicionou sempre o comportamento não só dos açorianos como de todos os ilhéus, não só a nível cultural mas no seu comportamento no dia-a-dia.

Na segunda fase do programa CLIMAAT vamos efectuar um trabalho com o objectivo de tirar conclusões sobre o comportamento dos ilhéus em relação ao clima.

#### **OBSERVATÓRIOS ABANDONADOS**

**DI – A situação em que se encontra o Observatório José Agostinho tem merecido críticas de vários sectores. O que se pode fazer para que o observatório de Angra do Heroísmo volte a ter a dimensão do passado?**

**EBA** – Esse é um assunto que me toca de uma forma muito particular porque conheci o tenente-coronel José Agostinho e testemunhei a sua dinâmica e o carinho que sempre dedicou ao observatório de Santa Luzia.

No tempo dele havia uma grande curiosidade da população sobre as questões científicas ligadas à meteorologia, porque era daquele observatório que todos os dias saíam as informações sobre o estado do tempo.

Hoje, o Observatório José Agostinho é um espaço sem vida. Não por culpa dos técnicos que lá trabalham, que são competentes, mas devido a uma política de gestão de meios oriunda de Lisboa, que tem outras prioridades e que não valoriza o património que existe cá.

Mas o Instituto de Meteorologia é um dos nossos parceiros no programa CLIMAAT e vamos dar o nosso contributo para que se possa recuperar alguma actividade nos observatórios insulares, fazendo com que essas estruturas sejam pólos de trabalho científico.

No entanto, há questões relacionadas com a tutela que precisam ser resolvidas no que se refere à utilização de instalações, equipamentos e pessoal.

Tem que se dar a dimensão que os observatórios regionais merecem. Não me refiro apenas ao José Agostinho, mas também ao Príncipe Alberto do Mónaco (Horta) e ao Afonso Chaves, que, embora estava integrado na malha urbana de Ponta Delgada, o que dificulta a realização de determinados trabalhos, pode também ser aproveitado para outros fins.